

Southey, historiador do Brasil

cmp 2.2.3.469

NOGUEIRA MOUTINHO

O segundo centenário de Robert Southey, historiador do Brasil, não passou em silêncio em 1974. Antes, mereceu a mais adequada e legítima das comemorações. Refiro-me ao livro de Maria Odila da Silva Dias, "O Fardo do Homem Branco" (1), primeira tentativa de interpretação e análise levada a efeito em nossos meios universitários da obra do homem de letras inglês que, nas primeiras décadas do século XIX, às vésperas de nossa independência política, empreendeu a elaboração original da "História do Brasil", alimentando a íntima consciência de que seu livro não haveria de perecer, mas que, ao contrário, representaria para os brasileiros aquilo que para os europeus é a obra de Heródoto.

Qualificando-se a si próprio como "pai de nossa História", Southey não poderia certamente imaginar que dessa circunstância lhe adviria a maior parte, a quase totalidade, diria eu, de sua sobrevivência na memória dos homens, já que a mediocridade de sua árdua e fecunda bibliografia em verso e em prosa não lhe outorga mais do que uma referência discreta ao lado dos outros nomes de seu tempo: Byron, Coleridge, Shelley, Blake, Wordsworth, Keats...

E verdade que para ombrear com esses gigantes do Romantismo além-Mancha era preciso ter o vôo muito alto: Dos quarenta volumes que publicou, em prosa, sobraram para a glória de Southey, as biografias de Nelson, de Wesley, de Cowper, e "last but not least" os três tomos da "History of Brazil", que Capistrano de Abreu considerava superior à de Varnhagen. Este, porém, é reticente e pouco simpático ao inglês, cuja obra, afirma Sérgio Buarque de Holanda no luminoso prefácio ao livro de Maria Odila da Silva Dias, "se sustenta ainda hoje e em muitos pontos há de ser lida com bom proveito". Quem era Robert Southey? Causará espécie saber que o primeiro historiador do Brasil nunca pisou o solo brasileiro.

Nascido em 1774, morto em 1843, Southey apenas deixou a Inglaterra para duas temporadas na península ibérica, mas a América na mocidade desse anglicano moralista e puritano constituiu o mais

desejados dos Eldorados, solo selvagem onde iria com seu concunhado Coleridge e com Robert Lovell fundar uma colônia de utopistas, a "pantisocracy". Tais planos ruíram, evidentemente por se fundarem muito mais nas areias movediças da imaginação do que na solidez prática daqueles calvinistas austeros e versados na Escritura, cujos designios foram tão genialmente discernidos por Max Weber. Desiludido com esse sonho de juventude, decepcionado com os rumos tomados pela Revolução Francesa, que lhe havia inspirado um drama flamejante, "The Fall of Robespierre", Robert Southey na incipiente maturidade instala-se ao norte da Inglaterra no "manoir" de Greta Hall com a família e uma biblioteca de catorze mil volumes, a fim de passar o resto tranqüilo de seus dias elaborando as quatro prolixas dezenas de obras com que enriqueceu o acervo da ensaística anglo-saxã do século XIX. A imortalidade, estava escrito, lhe adviria mesmo da obra sobre o Brasil, embora nela o teuto-sorocabano Visconde de Porto Seguro aponte, com acidulada inclemência para com um oficial do mesmo ofício "falta de unidade, e de ordem ou nexa e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo acerca dos índios), que são causa de sua pouca popularidade" Assista ou não razão a Varnhagen, o fato é que não podemos exorcisar Southey da nossa cultura como se se tratasse de um fantasma. Devemos-lhe efetivamente, mal ou bem, a primeira "História do Brasil", elaborada, ensina Sérgio Buarque de Holanda, tendo como ponto de partida "o notável acervo de livros e manuscritos sobre coisas lusobrasileiras que reuniu laboriosamente seu tio materno, o capelão Hill, da comunidade anglicana do Porto e depois de Lisboa". Southey, ajunta, "não se cansaria de enriquecer os próprios conhecimentos durante uma residência relativamente breve em Portugal e através de contactos com informantes versados nessas matérias."

A essa figura curiosa, esquecida, mas paradoxalmente presente em muitos vieses de nossa historiografia contemporânea, Maria Odila da Silva Dias dedica o seu ensaio, que pode ser classificado como modelo de compreensão e de lucidez, de erudição e de

"souplesse". E essa circunstância é tanto mais notável quanto se sabe, afirmado pelo próprio prefaciante, que a autora "não se filia aos devotos do historiador poeta ou, ao menos, não pretende apontá-lo como um modelo sempre vivo."

A partir daí, nessa postura implacavelmente anti-canonicalizadora, liberta de intuítos apologeticos em favor do inglês, largamente distante de qualquer vêzo colonialista que aspirasse a se envaidecer por haver merecido o nosso passado colonial a atenção tão minuciosa de um "high-brow" e civilizado anglo-saxão, a jovem historiadora aborda a sua temática com rara segurança metodológica, de forma a avaliar em que medida os valores do conservadorismo inglês e do humanitarismo autoritário que caracterizam a política colonial da Inglaterra na primeira metade do século XIX "tornaram possível uma primeira sistematização das fontes sobre a história colonial brasileira e uma primeira interpretação peculiar das perspectivas que oferecia o Brasil para transformar-se em nação independente, na época da sua separação de Portugal." Daí o subtítulo do ensaio: "Um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre."

A primeira vista, o título do volume parecerá de teor esotérico. Realmente, Maria Odila da Silva Dias ao utilizar a expressão formulada por Kipling, tão carregada de ressonâncias e de conotações, caracteriza o intelectual Robert Southey como uma das figuras que mais tipicamente arcaram ao nível da ideologia com "o fardo do homem branco", fardo que pesa, tremendamente onerante, nas matrizes ideológicas da historiografia e da consciência nacional, e de cujas ambigüidades, "num sentido mais amplo desvencilhado do contexto da sua conjuntura histórica ainda partilhamos os revezes" como afirma melancolicamente a frase final do ensaio, de cujas trezentas

no "históriografo dos Tupi-nambás".

O extraordinário no livro de Maria Odila da Silva Dias é a largueza da análise cultural, cujos limites abarcam praticamente todas as áreas do pensamento romântico e suas relações com o ilusionismo e o capitalismo agrário e industrial. Vale dizer que a ensaísta analisa com a desejável profundidade todos os focos de tensão que balizam o pensamento de Southey, contra-revolucionário imbuido dos princípios da missão reformadora dos ingleses, principalmente da ação civilizadora do comércio inglês... Em 1800 note-se, o antigo poeta "lakista" acalentava a hipótese de uma invasão britânica em Portugal, de forma a transformar o Brasil numa possessão inglesa, fato que obviamente seria o corolário do piedoso humanitarismo filantrópico que professava. Reacionário que se opunha às inovações capitalistas, preso ao tradicionalismo agrário, jacobino cujo interesse pelas vítimas da escravidão será essencialmente conservador e paternalista, nada libertário ou revolucionário, o pensamento de Robert Southey oferece um grau de nuançamento e de versatilidade que requeria interpretação igualmente matizada, capaz de acompanhar com rigor o sinuoso curso das divagações do constante ideólogo conservador. E nesse prodígio de metodologia interpretativa que estrutura das páginas de "O Fardo do Homem Branco". Ao publicar seu ensaio no ano do segundo centenário de Robert Southey Maria Odila da Silva Dias resgatou inegavelmente uma dívida do Brasil para com seu primeiro historiador. Mas desvendou igualmente à nossa consciência, com nitidez e clareza, as origens de certas noções que irritantemente persistem na historiografia brasileira do século XX, revelando lucidamente o bojo onde se encontram latentes, implícitas.

(1) Maria Odila da Silva Dias (da Universidade de São Paulo): "O Fardo do Homem Branco" — Southey, Historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre) "Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Companhia Editora Nacional/PROLIVRO, Brasileira, volume 344, São Paulo, 1974.

Folia de São Paulo - 13-IV-1975